

Carolina de Sá Brandão – 54 Anos

Eu já tive um enfarte e, como mulher e sobrevivente, achei por bem contar a minha história. Quando procuramos qualquer coisa sobre o ataque cardíaco normalmente dizem-nos coisas como “dor no braço esquerdo”, “sensação de dormência no maxilar” ou “dor aguda no peito”... Comigo não foi nada assim!

Cheguei a casa do trabalho e resolvi descansar um bocadinho no sofá com o meu cão, deviam ser cerca das 19h30 pois ainda não tinha jantado. Não estava a fazer esforço físico nenhum, não estava a pensar em nada que me provocasse um qualquer trauma emocional (ambos também associados aos despoletadores do enfarte), estava simplesmente a ver um bocadinho de televisão. Comecei a sentir-me mal disposta, quase como se tivesse qualquer coisa presa na garganta. Ora, se eu não tinha jantado... comida não era!

De seguida, comecei a sentir um aperto na espinha, quase como se alguém me estivesse a apertar a coluna, um aperto que foi subindo até ao tórax, cada vez mais a apertar-me, depois chegou a garganta, eu quase sem conseguir respirar e alojou-se no meu queixo. Eu sabia que tinha que telefonar para o INEM, mas mal me levantei para ir buscar o telefone caí redonda no chão. Entre os latidos do meu cão e a minha forte dor, lá consegui chegar a minha mala e tirar de lá o telemóvel.

Mantive a calma e descrevi à senhora do 112 o que se passava comigo. Ela aconselhou-me a abrir a porta e deitar-me lá para ser encontrada mais rapidamente. Com o resto das minhas forças segui o conselho dela mas, assim que abri a porta, perdi os sentidos.

Acordei já no Serviço de Cardiologia. Colocaram-me dois “stents” na artéria coronária esquerda através da perna.

Os médicos já sabiam o que se estava a passar comigo porque eu dei todas as informações quando telefonei para o 112 e provavelmente foi isso que me salvou a vida.